

Governo interfere e consegue impedir indicação de Renan para o Senado

30

**Marcelo de Moraes e
Maria Lúcia Delgado**
De Brasília

Pela primeira vez desde a posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o novo governo usou a força do rolo compressor político para impedir que o líder do PMDB no Senado, Renan Calheiros (AL), fosse indicado ontem pela bancada do partido como candidato à presidência da Casa. O governo prefere ver o senador José Sarney (PMDB-AP) no posto. Durante a noite e a madrugada de quarta-feira, o ministro chefe da Casa Civil, José Dirceu, comandou uma operação de convencimento entre os senadores do PMDB para impedir que a reunião do partido se realizasse.

Mesmo sem evitar que o encontro fosse feito, o governo teve sucesso no seu objetivo, já que pelo menos quatro dos 12 senadores presentes aceitaram participar do encontro somente sob a condição de que nenhuma votação seria feita. Sem clima político para assegurar sua escolha, Renan e a bancada decidiram adiar a indicação do candidato do partido 31 de janeiro,

como desejava o governo.

Ficou claro o fortalecimento da candidatura de Sarney. O ex-presidente reúne-se hoje em João Pessoa, na Paraíba, com os grupos do PMDB que o apóiam para organizar a estratégia de campanha. Apesar disso, Renan anunciou que não desistirá, garantindo ter a promessa de voto de 14 dos 20 senadores da bancada. Mas Renan e seus principais aliados já sabem que se o governo continuar atuando a favor de Sarney será impossível impedir sua eleição.

Pelo menos dois senadores já sugeriram a Renan que desista da candidatura para evitar maior exposição política. O líder, entretanto, acha que ainda é possível construir uma alternativa política, como o lançamento de um novo candidato, que poderia ser Pedro Simon (RS) ou Ramez Tebet (MS).

Dirceu negou que o governo tivesse oferecido cargos ou liberações de recursos para que os senadores do PMDB boicotassem a reunião e a candidatura de Renan. "Isso é uma ofensa aos senadores do PMDB e eu repilo esse tipo de afirmação. Esse tipo de fo-

foca só depõe contra quem fala isso", disse. O ministro, porém, reconheceu que o governo agiu politicamente para atender seus interesses. "Conversei com vários senadores do PMDB defendendo o ponto de vista e o interesse do governo. Isso é natural. Não considero que isso seja defender a candidatura do senador Sarney. Não estou agindo de forma incisiva junto ao PMDB. Estou fazendo política", afirmou.

Dirceu lembrou, entretanto, que Renan apoiou a candidatura presidencial de José Serra enquanto Sarney pediu votos para Lula. "Estranho seria se concordássemos em eleger a oposição para dirigir uma das Casas. Alagoas, inclusive, foi o único Estado em que José Serra foi o candidato mais votado", disse em referência à bem-sucedida campanha comandada por Renan a favor do tucano no Estado.

Imediatamente após o anúncio do adiamento da escolha do candidato, Dirceu e outros líderes petistas procuraram Renan numa tentativa de retomar o diálogo institucional com o grupo majoritário do PMDB. Renan será recebido hoje no Palácio do Pla-

nalto por Dirceu e dirá ao ministro que existe "um equívoco" na avaliação do Planalto sobre a existência de uma maior afinidade política do governo com o grupo de Sarney. "Se houve interferência, há também um equívoco porque o nosso campo de convergência com o governo é muito maior do que o do outro candidato", afirmou. "O PMDB não vai participar do governo, não quer participar, mas quer ajudar o Brasil a aprovar as reformas".

O futuro líder do PMDB no Senado, Aloizio Mercadante (SP), defendeu o adiamento da reunião. "Avaliamos que a antecipação do processo sem acordo entre os dois candidatos não seria bom para a democracia, não ajudaria o PMDB e muito menos era compatível com a expectativa do governo", disse, depois de se encontrar com Renan.

A operação de esvaziamento tirou da reunião Waldir Amaral (DF), Alberto Silva (PI) e Garibaldi Alves (RN). Outros quatro, como Sérgio Cabral Filho (RJ), Amir Lando (RO), Gilberto Mestrinho (AM) e Francisco Mão Santa (PI) só aceitaram dar quórum se não houvesse votação.